


**Groupe Cynorhodon (coord.). (2020).
Dictionnaire critique de l'anthropocène
Paris: CNRS éd. xiv+928 pp.**

 <https://doi.org/10.21814/anthropocenica.3659>

João Ribeiro Mendes

Departamento de Filosofia, Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas, Universidade do Minho
Portugal
jcrmendes@elach.uminho.pt
ORCID: 000-0003-3731-2246

Esta obra de referência especializada resulta de um trabalho encetado em 2016 e concluído quatro anos depois com a coordenação do Grupo Cynorhodon, composto por dezasseis geógrafos: Frédéric Alexandre, Fabrice Argounès, Rémi Bénos, David Blanchon, Frédéric Blot, Laine Chanteloup, Emilie Chevalier, Sylvain Guyot, Francis Huguet, Boris Lebeau, Géraud Magrin, Philippe Pelletier, Marie Redon, Fabien Roussel, Alexis Sierra, Didier Soto. O nome do Grupo – em português Cinórrodo – é o de uma variedade de rosa silvestre cujos frutos se encontram cobertos por pelos que provocam comichão em quem neles toca.

Trata-se de um trabalho multidisciplinar, na medida em que, para além de geógrafos, contou também com a colaboração de historiadores, politólogos, sociólogos, antropólogos e ecólogos. De acordo com os seus coordenadores, foi concebido, metaforicamente falando, para espicaçar intelectualmente os seus leitores, fazê-los pensar sobre os conceitos nele tratados.

Compõem-no 288 verbetes, organizados alfabeticamente, ao longo de 927 páginas, incluindo as dedicadas a referências bibliográficas (pp. 839-903), à repartição das entradas por oito grandes domínios (atores e relações de poder; atividades e distribuições antrópicas do espaço; questões políticas, económicas e sociais; fauna emblemática; lugares/espacos emblemáticos; mecanismos bio-geo-físicos; modelos e referenciais do pensar; qualificar o vivo) (pp. 907-909), ao elenco de todos os verbetes (pp. 911-914) e à lista dos 189 autores e respetivas entradas (pp. 915-928).

Na introdução da obra (pp. ix-xiv) – intitulada “L`anthropocène au défi de la géographie et des Sciences sociales” – o Grupo Cynorhodon deixa claro que a obra foi desenvolvida assumindo a noção de Antropoceno não como “effet de mode”, mas como detentora de um valor heurístico e crítico (p. ix). Tenha-se presente que, permanecendo ainda instável e aguardando mais amplo consenso,

o significado do Antropoceno, aquele privilegiado nesta obra, é o de servir para referir uma época em que a espécie humana se tornou num agente geológico global, ou seja, capaz de gerar impactos na composição e processos do Sistema Terrestre suscetíveis de afetar o seu funcionamento de formas negativas e quiçá preocupantemente irreversíveis.

Ela procura, por conseguinte, lançar luz sobre o debate mais recente em torno do Antropoceno e da sua constelação de questões, problemas e conceitos, sem perda de contacto com debates mais antigos ou mais tradicionais que são também retomados, revistos, renovados. E procura, complementarmente, funcionar como mapa e bússola para navegarmos mais informada e esclarecidamente nesses debates.

Cada autor elaborou o seu verbete animado de um espírito crítico para questionar os diferentes sentidos da noção por si abordada. Todos fizeram convergir a sua reflexão para o propósito comum de habilitar intelectualmente o leitor do *Dictionnaire* a pensar a situação paradoxal em que nos encontramos de um estado do Sistema Terrestre que se afigura cada vez mais induzido pelas nossas ações e atividades e, ao mesmo tempo, incorre e nos faz incorrer em cada vez maiores riscos catastróficos globais e existenciais. Este *Dictionnaire* é, pois, uma ferramenta para nos ajudar a pensar na vizinhança de um pressentível Apocalipse e nos estimular a imaginar modos mais equilibrados de habitar a Terra e de coexistir ecumenicamente. Trata-se de uma exortação a que pensemos urgentemente na crise inédita que nós próprios, enquanto espécie, provocámos, mas também, ou sobretudo, que pensemos sobre como ultrapassá-la antes de agirmos.

Surpreendente, ou talvez não, o primeiro verbete é dedicado a “Abeille (Abelha)” (pp. 1-4). Ele é representativo daqueles dedicados na obra à fauna emblemática do Antropoceno. A relação com o intrigante fenómeno, que se constata no nosso tempo um pouco por todo o lado, do desaparecimento desses insetos, é relativamente óbvia. No entanto, torna-se também quase irresistível fazer uma associação com a figura de Francis Bacon. Recordemos que o Barão de Verulâmio e Visconde de Saint-Alban afirmou no aforismo 95 de *Instauratio magna [Novum organum]* (Londres: John Bill, 1620):

Empirici, formicae more, congerunt tantum, et utuntur: rationales, araneorum more, telas ex se conficiunt: apis vero ratio media est, quae materiam ex floribus horti et agri elicit; sed tamen eam propria facultate vertit et digerit.

Em tradução livre:

Os empiristas são como as formigas, eles apenas coletam e usam [dados]; os racionalistas assemelham-se a aranhas, que fazem teias de [conceitos] com sua própria substância. Mas as abelhas seguem um caminho intermediário: coligem o seu material das flores do

jardim e do campo, mas transformam-no e digerem-no por um poder próprio [teorias empiricamente justificadas].

Por analogia, para enfrentarmos a complexa problemática do Antropoceno necessitamos, por certo, de investigação empírica e de produção conceptual, mas, sobretudo, de elaboração teórica, de explicações que organizem e sistematizem os dados disponíveis à luz de esquemas nocionais criados. Para além disso, precisamos também de mobilizar a comunidade científica numa colaboração multidisciplinar.

O último verbete, “Zone humide (Zona húmida)” (pp. 833-835), é ilustrativo das entradas sobre espaços antropicamente modificados. Desde o Neolítico que a nossa espécie ocupa estas zonas do planeta, compostas por pântanos, charcos, etc. que normalmente albergam grande biodiversidade. Todavia, no Antropoceno estas áreas naturais parecem crescentemente ameaçadas de destruição, em boa medida por causa de atividades de aquicultura, imobiliárias, desportivas e turísticas.

Entre os dois referidos verbetes, podemos instruir-nos com a leitura de outros sobre atores que marcam a consciência da entrada na era do Antropoceno (e.g. “GIEP-Groupe d’experts Intergouvernemental sur l’Évolution du Climat/IPCC-Intergovernmental Panel on Climate Change (Grupo de peritos Intergovernamental sobre a Evolução do Clima/Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática)”, pp. 436-439), textos que decisivamente contribuíram para tal (e.g. “Rapport Meadows (Relatório Meadows)”, pp. 690-695), controvérsias atuais bem acesas (e.g. “Changements et dérèglement climatiques (Alterações e perturbações climáticas)”, pp. 156-160), conceções teóricas muito influentes no panorama intelectual de hoje (e.g. “Transhumanisme (Transumanismo)”, pp. 777-780), conceitos fulcrais de grandes debates em curso (e.g. “Capitalocène (Capitaloceno)” pp. 140-143, na responsabilização de agentes históricos sobre a situação a que chegámos), fenómenos de mutação económica-social-política emergentes (e.g. “Overtourism (Turismo excessivo)”, pp. 610-612), lugares emblemáticos da situação antropocénica (e.g. “Fukushima”, pp. 422-425), mecanismos ambientais críticos (e.g. “Montée des eaux (Subida das águas)”, pp. 563-565), práticas amigáveis do meio ambiente (e.g. “Écotourisme (Ecoturismo)”, pp. 326-329), (mega)estruturas características do Antropoceno (e.g. “Aéroport (Aeroporto)”, pp. 9-11).

Trata-se, pois, de uma ferramenta de elevado valor científico, bastante completa, e com enorme utilidade, não somente para estudantes, professores e investigadores no campo da Geografia ou no domínio mais amplo das Ciências Sociais, mas para todos aqueles que, tendo ou não formação especializada noutros domínios, estejam interessados em consolidar e aprofundar os seus conhecimentos sobre a(s) problemática(s) do Antropoceno.